

## O PAPEL DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS POR CRIANÇAS

Priscila Peixinho Fiorindo (FFLCH/USP)

**RESUMO.** Este estudo pretende comentar e ilustrar os diferentes tipos de memória que as crianças podem utilizar em produções de narrativas orais, em duas situações diferentes. Situação (a) – construção de narrativas a partir do apoio pictográfico (desenho feito pelos sujeitos); situação (b) – produção de narrativas a partir de duas histórias lidas pela pesquisadora.

**Palavras-chave:** memória; narrativa; criança.

**ABSTRACT.** *This study intends to comment and illustrate the different kinds of memory that children can use in oral narratives invented by them in two different situations. Situation (a) – children invented stories from a pictorial representation (drawing made by subject); situation (b) – children invented stories from of the two narratives read by researcher.*

**Keywords:** *memory; narrative; child.*

### 1. Introdução

O presente estudo tem o objetivo de comentar e ilustrar os diferentes tipos de memória, perceptíveis nas produções de narrativas orais em crianças (normais), de cinco anos de idade. A fim de esclarecermos o conceito de memória e de narrativa para relacioná-los em nosso trabalho, elegemos alguns estudiosos da área, como Izquierdo, Adam, Bergson, Halbwachs, Flavel, Miller & Miller e Bruner.

Segundo Izquierdo (2004) a memória pode ser definida como evocação – recordação, recuperação de informações. Dessa forma, todas as mensagens captadas são armazenadas no cérebro, e para cada espécie de informação existe um tipo de memória, por isso é possível que existam tantas memórias quantas são as experiências acumuladas.

De acordo com Adam (1985), o armazenamento das informações pode estar na *memória de curto prazo* ou *memória de longo prazo*. A primeira permite analisar os sons, as letras as palavras e as estruturas sintáticas com a finalidade de fornecer uma representação semântica sob forma de orações.

Mas o espaço para armazenar as informações é limitado, por isso a duração delas nesta etapa é curta, permanecendo enquanto for útil e depois é descartada; já a *memória de longo prazo*, tem a capacidade ilimitada e serve para reduzir a sobrecarga da memória de trabalho.

São exemplos desse tipo de memória as nossas lembranças da infância ou de conhecimentos que adquirimos ao longo da vida.

Bergson (1959) atribui ao conceito de memória um método introspectivo de dois fenômenos, que são diferentes, porém indissociáveis: a *percepção-idéia* (memória de curto prazo), que ocorre no presente corporal contínuo e a *lembrança* (memória de longo prazo), vir à tona o que estava submerso, este afloramento do passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção. Assim, os dados imediatos e presentes são misturados a milhares de pormenores da experiência passada. Ainda aqui, o autor constata a *memória-hábito*, processo que ocorre pelas exigências da socialização, faz parte de nosso adestramento cultural e ocorre de maneira mecânica, como exemplo, temos as regras de etiquetas, andar de bicicleta, entre outros costumes cotidianos. Por outro lado, a *memória-sonho*, definida também como *inconsciente*, diferentemente da *memória-hábito* (mecânica), apresenta um caráter evocativo, pois é a lembrança pura, e quando ela se atualiza na imagem-lembrança, traz para a consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida. A lembrança (Bergson, 1959), enquanto conservação total do passado e sua ressurreição só seria possível no caso (impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância.

Diferentemente de Bergson, Halbwachs (1950), afirma que lembrar é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado, constatando que memória não é sonho, mas trabalho. Assim, a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que pareça uma lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque não somos mais os mesmos, nossas percepções, idéias, juízos de realidade e de valor foram alterados.

A partir dessa concepção, o referido autor une a memória do sujeito à memória coletiva, e mesmo as imagens do sonho que parecem, ao consenso geral, as mais distantes da memória do grupo social, portanto, mais próximas da memória pura bergsoniana, não fugiram as determinações do presente. O autor compara as imagens oníricas às reminiscências da primeira infância - tanto esta quanto aquela surgem inexplicavelmente na consciência sem guardar relações com o presente, parecendo intactas no fundo da alma. Embora ele reconheça que no sonho o espírito está mais afastado da sociedade, ou seja, menos relacionado ao coletivo, as imagens que nele aparecem são representações ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador.

Observando que o instrumento socializador da memória é a linguagem de filiação institucional, ela unifica no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Assim, as convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro mais elementar e mais estável da memória coletiva.

Outros autores como Flavel, Miller & Miller (1999) compartilham com a visão de Piaget de que o armazenamento de informações é construção, pois o ato de compreender e codificar na memória são processos semelhantes à assimilação piagetiana de “construção” de uma representação conceitual interna das informações; e a recuperação destas é re-construção, em que o sujeito deve fazer inferências a partir daquilo que está na superfície, denominando, assim, esses dois processos de *memória construtiva*.

Os autores também ressaltam sobre a *metamemória*, conhecimento ou atividade cognitiva voltada para qualquer coisa mnemônica, ou seja, o armazenamento das informações na memória. Na *metamemória* temos duas categorias: *o conhecimento metacognitivo* – conhecimento mnemônico sobre as pessoas, tarefas e estratégias; e *o automonitoramento e autoregulação*, em que o sujeito aprende a avaliar seu estado de memória atual, a selecionar estratégias, a avaliar seu progresso em direção a uma meta. A criança descobre que um conjunto de itens vai ser mais fácil de lembrar se eles forem poucos em número, familiares e significativamente relacionados uns com os outros (ou seja, categorizáveis). Por exemplo, repetir uma história palavra por palavra é um teste mais exigente de memória do que recontá-la com as próprias palavras.

Considerando que o processo narrativo é desenvolvido através da compreensão e produção de recordações, acontecimentos passados ou fatos que poderiam ter acontecido (desejos), não podemos dissociá-lo da memória nem da cultura (já mencionado anteriormente por outros autores). Bruner (1997) verifica que a propriedade fundamental da narrativa é a sequencialidade, e o modo como é construída (em torno de expectativas canônicas) a essência para a formação da “psicologia popular” – sistema em que as pessoas organizam suas experiências no mundo social (trata de agentes humanos que fazem coisas com base em suas crenças e desejos empenhando-se no atendimento a metas). A história também forja ligações entre o excepcional e o comum.

Neste sentido, a narrativa é um relato do mundo possível para atribuir significado à exceção encontrada, e a sua função é: “descobrir um estado intencional que atenua ou pelo menos torne compreensível um afastamento de um padrão canônico” (Bruner, op.cit.:50). Assim, identificamos a abordagem da realidade x imaginação, que podem ocorrer concomitantemente na narração (o texto ainda em construção). A aquisição da habilidade de narrar é uma conquista da prática social que oferece estabilidade às crianças pequenas para irem à busca do significado. Elas mostram-se desde cedo sensíveis às metas e a sua aquisição, adquirindo variantes de expressão como “foi embora” para a conclusão, e “uh oh”, para não conclusão.

Outra característica desse processo narrativo se refere à manutenção padronizada de uma sequência; as crianças dominam muito rápido as formas gramaticais e lexicais para unir as sequências que elas relatam, e pelo uso de temporais como “então” e “depois”. Também observamos o ponto de vista do falante que nas crianças muito pequenas ele pode ser caracterizado pelo choro (prosódia). Estas três peculiaridades de construção: variantes de expressão, formas gramaticais / lexicais e prosódicas, mencionadas acima, fornecem às crianças um arsenal de ferramentas, que fica armazenado na memória, e que posteriormente pode ser recuperado ou re-construído (Flavell, Miller & Miller, 1999) na aquisição de narrativas.

## **2. Metodologia**

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa transversal realizada com 6 (seis) crianças brasileiras, de cinco anos de idade, de ambos os sexos. As crianças, durante a coleta dos dados, foram observadas na interação criança-criança, em suas produções pictográficas e narrativas. A partir de então, suas falas foram gravadas em fitas de audiotape e transcritas com base nas normas do Projeto NURC/USP – Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Preti e Urbano, 1990).

Os sujeitos selecionados foram 3 meninas e 3 meninos, que não tinham comprometimento e/ou distúrbios da linguagem, de duas pré-escolas (AABB e Instituto de Educação Infantil e Fundamental Henrique I), ambas localizadas na zona sul da cidade de São Paulo.

A faixa etária escolhida, cinco anos, é a fase que antecede o início do processo formal de alfabetização (seis e sete anos), ou seja, as crianças não têm ainda o domínio efetivo dos códigos da escrita, mas segundo Gardner (1994), são capazes de se posicionarem em relação aos acontecimentos cotidianos, apresentando pontos de vistas em suas produções orais de narrativas, argumentando, justificando e explicando durante o desenvolvimento da narração.

As crianças foram solicitadas a produzirem narrativas orais em duas situações:

- a) histórias orais a partir de uma representação pictográfica (desenho feito pelo sujeito);
- b) histórias orais a partir de duas narrativas (Fita Verde no Cabelo e Menina bonita do laço de fita) lidas em voz alta pela pesquisadora.

## **3. Uma proposta de análise**

Como nosso interesse não se restringe apenas à organização do texto, nesta etapa, nos interessa também o que o texto organiza em sua discursividade. Assim, em torno da dupla de eixos (o da estrutura sintática e o da organização semântica), exploram-se procedimentos

linguísticos e discursivos, que contribuem para a constatação das estratégias escolhidas pelas crianças para contar as histórias. E assim, podemos identificar os diferentes tipos de memória que elas usam para construir suas narrativas, ora no tempo passado, ora misturando elementos do presente com fatos que aconteceram ou poderiam ter acontecido.

Os dois primeiros exemplos se referem à situação (a), em que as crianças foram solicitadas a fazer um desenho e depois a contar a história do mesmo. Consideramos A para o adulto, e as demais iniciais para crianças.

### Exemplo 1

#### *Alice no país das maravilhas*

1. M: *ela abriu uma portinha caiu na maravilha viu um monte de borboleta e umas flores gravada com um sol BEM Longe... uma flor ela cheirou ... a outra arrancou e uma veio um tomate*
2. M: (...) *as nuvens redondas ... as nuvens redondas com um coração MARCADO*
- 3.A: *E o que Alice faz no país das maravilhas?*
4. M: *ela pega ... ela bate na porta ... ela cai lá e vai brincando e cai numa casinha e fica lá bem ... a casa é muito pequena ... e tinha uma porta que era falona*
5. A: *Hum porta falona e o que a porta falava?*
6. M: *falava ... você tem uma coisa que se chama cartão de CRÉdito pra por ne mim? e você entra Rápido ...e ela disse (Alice) por enquanto eu não peguei ... posso entrá/ rapidinho SÓ prá/ visiTÁ/ as minhas AMIgas? aí ela disse (porta falona) SÓ um POUquinho meia hora você sai ((a criança na mudança de personagem de Alice para a porta falona, aumenta o tom de voz e arregala os olhos))*
7. (...) *aí o relógio tava assim ... TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM BLOM::: ... aí tava na hora dela ir embora ... ela falou (Alice) boa tarde ... boa noite ... esqueci do boa tarde*  
 (Mariana 5; 0 / Adulto)

No turno 1, M já começa sua narrativa descrevendo as ações do personagem (Alice). E em 2, visualizando seu desenho, apresenta as características do mesmo.

Já no turno 4, notamos a inferência do imaginário infantil quando M, diz “... e tinha uma porta que era falona”, e ao mesmo tempo, constatamos a *percepção-ideia*, que ocorre no presente corporal contínuo, que faz parte do método introspectivo do conceito de memória abordado por Bergson (1959).

Em 6, observamos a inferência da realidade próxima, por meio do conhecimento do objeto que faz parte de sua vida – o cartão de crédito. De acordo com Flavell, Miller & Miller (1999), identificamos a metamemória – conhecimento de objetos pertencentes ao cotidiano e também o conhecimentos das pessoas, quando a criança insere em sua narrativa “... *as minhas AMigas?...*”; e ao mesmo tempo temos o automonitoramento e a autoregulação – recursos que a criança escolhe para criar a sua narrativa e torná-la significativa para o outro, relatando tudo o que ela acha interessante no mundo da fantasia, com suas próprias palavras.

Segundo Adam (1985), percebemos que M utiliza a memória de curto prazo ao fazer associações com o presente real junto ao presente imaginário, e também a memória de longo prazo ao intitular a sua história de Alice no país das Maravilhas, recordando de algumas ações da narrativa infantil. Neste último processo, da lembrança, observamos a memória construtiva (Flavell, Miller & Miller, 1999), em que a criança reconstrói a sua história a partir de um referencial narrativo já conhecido por ela, ou seja, já armazenado na memória.

## Exemplo 2

### *A baleia*

1.VH: *o golfinho foi lá na água ... ele viu uma baleia ENORME ... aí:::... ele foi lá na onde tinha os peixe ... aí ele comeu o peixe porque ele tava com fome aí aí ele ... viu o TUBARÃO que comeu um MONTE DE PEIXE aí ... ele comeu aí ele ( ) aí comeu o peixe ... aí veio o gigante ... comeu o peixe dele aí:::... o gigante deu um soco bem na baRRIGA dele ... ele caiu e ele morreu para sempre ... aí viveu de novo ((a criança faz gestos de soco no ar))*

(Victor Hugo 5; 0)

Neste fragmento, identificamos o uso da *memória construtiva* (Flavell, Miller & Miller, 1999), pois a criança conta a sua história a partir dos seus conhecimentos de mundo e linguístico adquiridos. Identificamos as duas categorias da metamemória – conhecimento metacognitivo – dos seres marinhos (golfinho, baleia, tubarão, peixe); e o automonitoramento e a autoregulação, ou seja, a estratégia escolhida para contar a sua história: primeiro VH contextualizou o ambiente

marinho, por meio dos personagens, e depois inseriu ações cotidianas, praticadas pela própria criança – como “comer e dar soco na barriga dele”.

Como vemos, VH se utilizou da *memória de curto prazo*, ao fazer associações do presente – o desenho e seus argumentos do real e do imaginário – de acordo com Adam (1985) e *percepção-ideia*, segundo Bergson (1959), em que a criança escolhe, no agora, quais as ações ela realizará.

Os exemplos que seguem, 3 e 4, se referem à situação (b), em que as crianças foram solicitadas a construir narrativas a partir de duas histórias lidas pela pesquisadora, Fita Verde no Cabelo (João Guimarães Rosa) e Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado).

### Exemplo 3

#### *Os coelhos*

1. M: *era uma vez quatro coelhos eles gostavam de brincar um sobre o outro brincavam de danÇAR de puLAR ...*
2. M: *o Yannick pegou os quatro coelhos ... estava passando uma menina que se chamava Priscila ... a Priscila também quis um (coelho) ... eles era irmão ((Priscila e Yannick))*
3. M: *(...) a Priscila falô assim ... me dá um ... Yannick*
4. M: *... Aí ele falô assim ... nervoso como sempre... sua mãe (Mariana) disse ((a criança muda o tom de voz))*  
*ONde que VOCÊS pegaram essas coisas ... esses coelhos? e aí ele disse ( )*
5. M: *(...) e aí os quatro coelhos gostavam de brincar um sobre o outro ... de novo eles brincaram de pula corda ... um:::... um pulaVA de cabeça ... outro de joelho ... outro agatinhANDO ... todos brincavam pra lá e pra cá*
6. Y: *eles gostavam também de pula cela ... é um era bem velhinho tinha um que era MAIS velho e o dente já tava mole... já tava a ponto de cair... a mãe disse cuide bem desse dente que já já vai cair ((criança ao imitar a voz da mãe também aponta com o dedo indicador))*

(Yannick 5; 0 e Mariana 5; 0)

Diferentemente das ocorrências anteriores, sem o apoio do desenho, M inicia a história com “*era uma vez*”, fórmula típica do estilo narrativo. Como vemos, as crianças compreendem e codificam na memória as narrativas lidas pela pesquisadora, por meio da assimilação/construção de uma estrutura narrativa já esquematizada na memória, ou seja, é a expressão do conhecimento de mundo e do conhecimento linguístico. Já no turno 1, M inicia sua história fazendo referência



à segunda narrativa (quando insere os personagens – coelhos), e acrescenta novas ações praticadas pelos personagens – dançar e pular, apresentando fatos da realidade próxima e do tempo presente.

Nos turnos 2 e 3, identificamos uma das categorias da *metamemória* – conhecimento *metacognitivo* – conhecimentos das pessoas que estão ao ser redor, quando M insere em sua narrativa as pessoas reais da interação (Yannick - colega e Priscila), ou seja, ela as reconhece e faz questão de colocá-las como participantes/personagens de sua história.

Ainda em 3, observamos a ocorrência do discurso direto, que o narrador transcreve o enunciado do personagem tal como foi formulado ou se imagina que foi: “*a Priscila falô assim ... me dá um (coelhinho) Yannick*”.

Percebemos também que nessa idade (5 anos) é frequente a criança inserir fatos de seu cotidiano na narrativa – a troca dos dentes. Tais deslocamentos revelam uma realidade próxima da criança e evidenciam a posição de autora no desenvolvimento narrativo. Mais uma vez, observamos o uso da memória de curto prazo, quando as crianças, logo que terminaram de ouvir a narrativa, construíram a sua história, tomando como referência uma das narrativas lidas pela pesquisadora. Podemos dizer, também, de acordo com Bergson (1959), que elas utilizaram a *percepção-ideia*, que ocorre no presente corporal contínuo, onde as crianças focalizam as estratégias escolhidas para construir novas histórias.

#### **Exemplo 4**

##### *Os patinhos*

1. Y: *era uma vez três patinhos que gostavam de passear todo dia na lagoa ... (...) é é eles também co ... é ... é ...*
2. P: o que eles gostavam de fazer?
3. Y: *é de brincar e dormir ...*
4. M: *os três patinhos foram dormir ... existia o lobo ... lobo*
5. P: o quê?
6. M: *LO-BO MAU*
7. M: *(...) e aí o lobo mau ficava pá pá pá ((criança bate no chão)) ... o lobo olhou pela janela olhou pela portinha e ENTROU*
8. Y: *é ele entrou e comeu os três patinhos e a mãe não viu porque estava nas compras*

9. M: (...) *a mamãe tava só com filhotinho bem pequenininho ... ele (o filhotinho) olhou na barriga (do lobo) (...) veio o caçador e tirou todos os pintinho*

(Yannick 5;0 e Mariana 5;0)

Da mesma forma que no exemplo anterior, encontramos a construção típica do estilo narrativo: “*era uma vez*”, já armazenado na memória da criança.

No turno 1, Y descreve as ações dos personagens, utilizando a memória de curto prazo (Adam, 1985), em que a criança associa o presente com o seu imaginário, aqui e agora.

Percebendo a reação de Y (no turno 3), M resolve continuar a narrativa, e na troca de turno de um narrador para outro, observamos a mudança de tópico discursivo, isto é, o assunto inicial da narrativa foi modificado pela introdução de um novo personagem no turno 4, o lobo.

Notamos que essa inferência do lobo feita por M, possa ter ocorrido devido ao apoio contextual da primeira história lida – *Fita Verde no Cabelo* (Guimarães Rosa), considerada uma estilização de *Chapeuzinho Vermelho*, segundo Discini (2002:216-217),

Fita-Verde ou Chapeuzinho Vermelho, em princípio, o mesmo ator, o mesmo papel actancial da narrativa, a mesma menina amada e linda, premiada com um adereço que constitui sua identificação, quis a aventura de encontrar-se consigo mesma, rompendo limites, à revelia do “outro”.

Na linha 7, “*e aí o lobo mau ficava pá pá pá ... o lobo olhou pela janela olhou pela portinha e ENTROU*”, observamos o uso da memória de longo prazo (Adam, 1985) quando a criança recorda, algumas ações praticadas pelo personagem mau da história de “*Chapeuzinho Vermelho*”.

Segundo Flavell, Miller & Miller (1999), nos turnos 8 e 9, identificamos a *memória construtiva*, quando a criança reconstrói a sua história a partir de um referencial narrativo já conhecido por ela, ou suja, já armazenado na memória, adicionando novas informações a sua narrativa.

#### 4. Considerações finais

Com base nos dados analisados, percebemos que as narrativas produzidas a partir do desenho feito pelo sujeito – narrativas na situação (a), apresentam características típicas da

linguagem oral, com elementos próprios do estilo conversacional, enunciados fragmentados, frequentes pausas, elipses, e, portanto, dependentes da representação pictográfica, na medida em que as crianças olhavam e apontavam para o desenho durante o desenvolvimento da história, ou seja, elas buscaram no desenho o apoio contextual necessário para veicular às informações.

As narrativas produzidas a partir de histórias lidas pela pesquisadora – narrativas na situação (b), apresentam características da linguagem escrita, independência contextual e construções próprias do estilo narrativo: *era uma vez...* . Aqui, a coesão se dá através de recursos lexicais e estruturas sintáticas com a utilização de conectivos lógicos. Na ausência da representação pictográfica, as crianças tentaram fazer do texto da história uma reflexão mais precisa de suas intenções comunicativas.

Independente das situações propostas feita às crianças para a narração, notamos que a narrativa, de acordo com Bruner (1997), é um relato do mundo possível para atribuir significado à exceção encontrada, e a sua função é descobrir um estado intencional que atenua ou pelo menos torne compreensível um afastamento de um padrão canônico. Assim, identificamos a abordagem da realidade x imaginação, que podem ocorrer concomitantemente na narração (o texto ainda em construção). A aquisição da habilidade de narrar é uma conquista da prática social que oferece estabilidade às crianças pequenas para irem à busca do significado.

Também não podemos dissociar narrativa da memória, pois a primeira é construída a partir da segunda. E a subcategoria das estratégias de memória engloba uma gama ampla e diversa de atividades potencialmente conscientes que uma pessoa pode realizar voluntariamente como um meio para vários fins mnemônicos, e contar histórias é uma delas.

Assim, todas as informações captadas são armazenadas no cérebro, e para cada espécie de informação existe um tipo de memória, por isso é possível que existam tantas memórias quantas são as experiências acumuladas.

### **Referências bibliográficas**

ADAM, J. M. *Le texte narratif*. Paris: Nathan-Université, 1985.

- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2ª ed. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1959.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- DISCINI, N. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2002.
- FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER, S. A. *Desenvolvimento cognitivo*. Trad. Claudia Dornelles. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- HALBWACHS, M. *Memoire collective*. Presses Univ. de France, 1950
- IZQUIERDO, I. *A arte de esquecer*. São Paulo: Vieira e Lent, 2004.
- MACHADO, A. M. *Menina bonita do laço de fita*. São Paulo: Ática, 1997.
- PRETI, D. & URBANO, H. *A linguagem falda culta na cidade de São Paulo – Projeto NURC/SP*. São Paulo: Queiroz, 1990.
- ROSA, J. G. *Fita verde no cabelo: nova velha estória*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.